



INSPETORIA SALESIANA DE CAMPO GRANDE
CAMPO GRANDE - MATO GROSSO DO SUL
BRASIL

Campo Grande, 12 de outubro de 1987

Prezados irmãos,

Neste dia consagrado a Nossa Senhora Aparecida, apresento-lhes os dados biográficos do nosso irmão coadjuntor

JOÃO BATISTA ANCONA

Faleceu ao despontar o dia 10 de junho do corrente ano. Nossa cidade estava ainda envolta em trevas quando os olhos do sr. Ancona, que há uns dez anos não mais viam as belezas da criação, se abriam para as belezas inenarráveis do Criador. Recolhido dois dias antes ao Proncor por problemas do coração, havia solicitado, quase pressago de sua próxima partida, e administração dos sacramentos dos Enfermos e da Eucaristia: "o pão dos fortes" a acompanhá-lo na viagem à eternidade. Apagou-se silenciosamente sem perturbar ninguém.

Transportado de manhã para a capela do Colégio Dom Bosco, celebraram-se numerosas missas com a participação dos alunos do colégio, que se sucediam para rezar pelo seu descanso. À tarde, houve missa exequial, presidida pelo Pe. Inspetor e concelebrada pelos membros do Conselho Inspetorial, presentes para a reunião mensal, bem como pelos demais sacerdotes salesianos da cidade. Ao Evangelho, Pe. Angelo Sanchez, diretor do Colégio Dom Bosco, apresentou à numerosa assistência de cooperadores, alunos e amigos, a figura do Falecido, salientando seu amor a Dom Bosco, sua dedicação ao trabalho e sua presença constante entre os alunos. No final da missa, os pós-noviços prestaram-lhe singela homenagem com uma melodia na língua materna. No cemitério antes de seu corpo baixar à sepultura para se unir a tantos salesianos que nesta cidade o precederam, foi-lhe dirigida a última despedida pelo Pe. Tomaz.

Prezado irmãos,

O sr. JOÃO BATISTA ANCONA, filho de Giuseppe Ancona e Sílvia Saura, nasceu aos 30 de março de 1910, em Trápani, Sicília, terra fértil em vocações salesianas e onde o espírito salesiano medrou profundamente, como bem o demonstra nosso Reitor Mor emérito, Pe. Luís Ricceri, em seu livro: "Cosi mi prese Don Bosco". De várias destas vocações nossa Inspetoria beneficiou-se em outros tempos. Baste lembrar entre outras a do Pe. Felipe Pappalardo, primeiro mestre de noviços da inspetoria, plasmador de vocações como a do Pe. Armindo de Oliveira, "Uma flor do Clero Cuiabano" e de seu colega, Dom Francisco de Aquino Corrêa, honra da Congregação e da Igreja do Brasil.

Como para Bartolomeu Garelli, o dia 8 de dezembro marca o encontro feliz com Dom Bosco e a origem do Oratório, assim para o nosso "Giovannino", o dia 8 de dezembro de 1921, assinala o encontro feliz com o oratório salesiano, para onde fora levado pela mão de um amigo. O encanto deste primeiro encontro foi tal que, como lemos em seus escritos, "Mai piú lasciai l'oratorio".

Uma manhã de 1922, é encontrado, sentado à soleira do oratório triste e choroso, pelo diretor, o futuro "bispo mártir" Mons. Cognata: havia falecido a mãe. O diretor consola-o "com infinito carinho" e, tomando-o pela mão, leva-o à capela, ao altar de Maria Auxiliadora. Após instantes de oração por parte de um e de lágrimas por parte do outro, o diretor lhe diz, com grande ternura: "Giovannino, ela será, de hoje em diante, a tua mãe"! Palavras e carinho que jamais se apagarão da mente de nosso irmão, que ainda nestes últimos anos recordava com emoção o antigo diretor, cuja imagem, velada de profunda paternidade, guardava entre seus papéis.

Completados os estudos de arte gráfica em escola estatal, sente desabrochar o chamado do Senhor. Pe. Conrado Pepe, salesiano, com quem se abriu, encaminha-o para o aspirantado. Em 1927 entra para o noviciado de São Gregório de Catânia. Sob a sábia direção do Pe. Jacinto Luchini, profundo mestre de salesianidade, aprendida do próprio Fundador e cujos exemplos constituíam a parte principal de suas instruções, amadurece sua vocação salesiana, professando no dia 19 de novembro de 1928. Transcorre os dois primeiros anos de vida religiosa em seu próprio oratório de Trápani.

A Congregação, sob a sábia direção do Ven. Pe. Filipe Rinaldi, vivia intensamente o espírito missionário com abertura de aspirantados e com forte propaganda nas principais cidades da Itália, por obra particularmente do conferencista e orador Pe. Antônio Fasulo. É justamente ao ouvir estas conferências que o nosso irmão sente desabrochar dentro de si o chamado para as missões. Seu pedido é aceito sendo destinado às missões de Mato Grosso. Em dezembro de 1930. embarca para o Brasil, viajando em companhia do Pe. Pedro Tirone, catequista geral da Congregação e visitador extraordinário das missões salesianas no país.

Aos 18 de dezembro desembarca em Santos e encaminha-se para Campo Grande destinado ao "Ginásio Municipal Dom Bosco". Este ginásio, hoje "Colégio Dom Bosco", havia sido adquirido um ano antes, por conselho e com ajuda de Dom Antônio de Almeida Lustosa, bispo de Corumbá, a cuja diocese pertencia Campo Grande. Os inícios haviam sido difíceis, mas já se colhiam os frutos do sistema preventivo, sob a batuta paterna do primeiro diretor, Pe. João Pian e a dedicação dos demais salesianos. Como no sonho de Dom Bosco: aos animais ferozes haviam sub-entrado os mansos cordeiros!

Em 1932, é enviado a Cuiabá, como chefe da tipografia do Liceu de Artes e Ofícios São Gonçalo. "Tempos difíceis aqueles - deixou escrito numa sua memória. Faltava tudo. Ambiente de pobreza extrema; passava-se até fome, além dum clima tropical, que minava a saúde. Em 1934, acabei prostrado de forças pelo trabalho e pela inanição".

Enviado a São Paulo para exames médicos, é atendido pelo grande amigo e benfeitor dos salesianos, o dr. Carlos Brunetti, cujo veredicto é: "Tuberculose nenhuma. Ele precisa de comidal".

No começo de 1935 é enviado ao Ginásio Anchieta em Bonfim, hoje Silvânia, Goiás, pertencente então à Inspetoria de Mato Grosso. Favorecido por um clima saudável e por

alimentação sadia, recupera, em breve, as forças e, ao longo de 14 anos, exerce com eficiência e escrúpulo suas atividades no economato, na enfermaria, na dispensa e no teatro. Quanto à economia, aqueles não eram tempos fáceis. “Durante o directorado do Pe. Pian - escreve um ex-aluno - o Ginásio Anchieta viveu dias de constantes dificuldades financeiras”. Ao lado, portanto, dum diretor “sempre pronto a abatimentos na pensão” havia necessidade de alguém que controlasse melhor esta parte. Esta a tarefa do sr. Ancona, que, aos olhos dos alunos e mesmo de salesianos, passava por casquinha. Eram tempos e modos de conceber pobreza e economia. Isto entretanto não impediu que os ex-alunos o recordem com carinho.

Entre as ocupações a preferida era o teatro, que, como diz Dom Bosco nos regulamentos, serve para alegrar, educar e instruir. Foi por muitos anos o “hobby” do sr. Ancona seja em Silvânia como mais tarde em Tupã. O teatro concebido como meio de educação, que desperta e desenvolve nos alunos o desembaraço ao enfrentar o público e a arte da declamação, além de ser um grande meio para favorecer e alimentar aquele espírito de família, tão próprio dos antigos internados, revivido com saudade pelos ex-alunos em suas reuniões anuais, às quais o sr. Ancona era regularmente convidado.

Com a passagem, em 1949, do Ginásio Anchieta para a Inspeção de Belo Horizonte, o sr. Ancona é transferido para o Colégio Dom Bosco de Tupã, na Alta Paulista. “Continuei - escreve em suas notas biográficas - nas mesmas atividades de Silvânia: economato, dispensa, teatro e Associação dos Ex-alunos. Foram anos de intenso trabalho salesiano”. “Apaixonado pelo apostolado entre os Ex-alunos - escreve um irmão que viveu a seu lado - mantinha com eles relações cordiais e desenvolvia um apostolado tão capilar quão eficiente”. Sua correspondência com eles era frequente e desejada, mesmo cego, fazia-se ajudar por algum irmão ou amigo. Era nas datas familiares ou em situações tristes a ocasião oportuna para recordar antigos ensinamentos ou para uma palavra que ajudasse a superar os momentos críticos. Entre suas cartas encontramos depoimentos como estes: “Recebi sua mensagem, evidenciando que seu coração generoso jamais esquece os seus pupilos, sejam quais forem as circunstâncias. Isso reconforta e anima, fortalece a fé e aumenta as nossas esperanças em dias melhores”. “Eu acredito, meu caro mestre, que conseguimos, vencer, mas tenho a convicção segura que para isso pesou imensamente os ensinamentos recebidos de nossos pais e sem dúvida aqueles que recebemos de nossos queridos mestres no Colégio Dom Bosco. Nossas raízes encontram-se em Tupã”. O sr. Ancona tinha confiança nos Ex-alunos, daqui sua correspondência com eles: era a maneira para fazer frutificar, como diz o Reitor Mor em sua carta sobre os ex-alunos, “a educação recebida”.

Após breve estadia na Itália, 1971/72, por motivos de saúde, é enviado novamente ao Colégio Dom Bosco, onde iniciara sua vida missionária. Não é mais um pequeno colégio, agora são milhares seus alunos, do curso primário às faculdades. O serviço no economato multiplicou-se e o sr. Ancona, já prático, senta novamente ao “telônio” para prestar sua valiosa e experimental colaboração ao ecônomo no controle dos pagamentos de mensalidades. Em meio a tanta papelada não deixa escapar a oportunidade de uma boa palavra seja aos alunos, seja aos pais, às vezes preocupados com o fraco resultado dos filhos.

Em 1977, os problemas com a vista começam a preocupar. Exames e cirurgias na Itália e no Brasil não trazem melhoras. Todos os esforços são inúteis: em breve a cegueira. Começa para o irmão o doloroso calvário da cegueira, que terminará somente na manhã de 10 de junho último, quando seus olhos se abriram para a contemplação de seu Deus. Há momentos de incerteza e de aflição: não poder trabalhar, precisar constantemente do auxílio de outrem. Sente toda amargura do novo plano de Deus a seu respeito, mas, aos poucos com o apoio dos irmãos e dos amigos consegue superar esta primeira fase e dar seu fiat ao Senhor, na oferta total pelo bem da Congregação e pelas vocações. Escreve-lhe um ex-aluno: “Recebi sua carta que, ao mesmo tempo, me entristeceu e edificou. Sofri com os seus padecimentos, mas achei extraordinária a sua resignação de autêntico filho do grande Dom Bosco”. Escreve-lhe um irmão, na comemoração de suas

bodas de ouro de profissão religiosa: “Parabéns e agradecimentos por tantos anos despendidos trabalhando em nossas casas. Agora Nosso Senhor não quer mais o seu trabalho. Quer a sua conformidade com a vontade d’Ele, que nós não compreendemos. A Inspetoria e nós, seus amigos, precisamos de sua oração e do seu sofrimento. O senhor, hoje, é muito mais precioso e mais eficiente do que quando, com escrúpulo e inteligência, procurava fazer os interesses das casas em que trabalhou”.

Trabalho e oração, os dois esteios de nossa fidelidade. O sr. Ancona, até que lhe foi possível, trabalhou muito nas mansões que a obediência lhe confiara. Nos últimos anos a sua ocupação era a oração. Sempre presente às práticas de piedade, acompanhava submissamente, as orações dos irmãos. Sozinho, ajoelhava-se na capela ou andava acompanhando-se ao longo das paredes sob os pórticos do Colégio Dom Bosco, desfilando entre os dedos a coroa do rosário. Presente à vida da comunidade, nos recreios sentava-se no banquinho sob os mesmos pórticos, para seguir a recreação barulhenta dos alunos ou acolhendo com pronta disponibilidade e com o sorriso quantos dele se acercavam para uma conversa amiga ou para lhe confiar problemas e dificuldades às quais ele sempre acrescentava uma palavra amiga e de conforto ou apontava soluções.

Em 1986, foi agraciado pelo Governo italiano com a Ordem “ao Mérito da República Italiana” pelos muitos anos dedicados a serviço das missões. Isto deu motivo a várias homenagens, que encheram o coração do sr. Ancona de grande alegria. Escrevia-lhe um ex-aluno: “Noticiamos pela imprensa goiana a condecoração recebida. Com a divulgação do fato estaremos homenageando o nosso antigo e querido diretor artístico do Grupo Teatral do Ginásio Anchieta”. São as finezas que Deus reserva a seus amigos.

Prezados irmãos:

Concluo estas linhas com as palavras de um irmão que muito familiarizou-se com o sr. Ancona: “Foi um salesiano que se dizia plenamente realizado, porque viveu em plenitude a sua vocação. Um salesiano que amava a Congregação e a Inspetoria. Dedicou-se, corpo e alma, ao ofício que recebera dos superiores. Fidelíssimo em tudo, era exemplar na pontualidade, na dedicação sacrificada ao seu dever de ofício. Com os alunos e pais usava de fidalguia no trato e cativava a todos, mesmo tratando da parte administrativa”.

Dom Bosco promete a seus Salesianos: pão, trabalho e paraíso, ao qual, temos certeza o conduziu por mão aquele que outrora o levava aos pés da Virgem, o santo bispo Dom Cognata, onde juntos, e sem véus contemplam a beleza e experimentam a bondade d’Aquele que é Mãe e Auxiliadora de toda a Congregação.

Para isto, recordemos em nossas orações o querido sr. Ancona, bem como as necessidades desta Inspetoria e de quem se professa irmão em Dom Bosco Santo.

Pe. José Corazza
Secretário Inspetorial